

# Fátima + ALTAR DO MUNDO

N.º 11 \* \* SUPLEMENTO INFORMATIVO \* \* 1956

PUBLICAÇÃO MENSAL — Director da Obra : DR. JOÃO AMEAL

Prop., Edit. e Adm. : «OCIDENTAL EDITORA» — R. Duque de Loulé, 35 — PORTO

## A dilatação da Fé

O Natal de Jesus! O Natal de Portugal!

O Rabbi que tem vida eterna, nasce, nos maiores trabalhos, morre numa cruz, para salvar a Humanidade pelo verbo da paz, da justiça e do amor.

Portugal nasce, luta, padece, como que se esgota para dar ao mundo novos mundos, em esforço criador na dilatação da Fé, o que o autoriza a dizer às outras nações, na expressão do Cardeal Cerejeira — *Vós sois herdeiros do meu esforço* —; esforço que o torna colaborador de Deus.

Razão tem o poeta dos «Simples», quando canta que a pátria portuguesa é a «eleita do Eterno, a encarnação heróica do divino». É o mesmo o pensar de Herculano quando afirma, que a monarquia portuguesa estava decretada na mente de Deus.

Este pensamento define o génio da grei e a nossa vocação histórica.

Portugal infante mostrou já a bravura dos guerreiros que se batem por «querela justa», como mais tarde pode dizer aos seus companheiros d'armas Nun'Álvares, a mais fecunda união da santidade com o heroísmo que a espécie humana produziu; a fé dos cruzados que contra os infiéis defendem a civilização cristã, de que somos ainda hoje autênticos representantes; — peleja, ora, lava e canta sob as bênçãos do céu.

A Fundação tem o ambiente piedoso duma cruzada, a atmosfera heróica duma epopeia.

S. Mamede adivinha e precede Aljubarrota, a Restaura-

ção, Montes Claros; e às cinco chagas, sangrando, da visão d'Ourique, são precursoras da Cruz, que espiritualizava as velas das nossas naus, as quais, como águias reais abriram voo

Os feitos dos portugueses representam uma das mais sublimes vitórias do Espírito na história universal.

Podemos chamar-lhes sem exagero — o milagre português,



Évora: a Imagem Peregrina durante a missa campal na Praça de S. Geraldo

sobre o mar, para o percorrem todo.

Pequenino luzeiro que poucos séculos volvidos inundará a terra de sol.

Infante ainda, se confiava no esforço do seu braço, *às armas feito*, nas virtudes da grei, rendia-se perante a onnipotência do Senhor, e dizia-lhe, com Camões:

*aos infiéis, Senhor, aos infiéis e não a mim que creio o que podeis*

milagre do nosso génio, da nossa fé, em inteira correspondência com a nossa vocação histórica, civilizadora, ou seja, missionária.

Portugal proclama pelos seus Santos, pelos seus heróis, pelos seus génios, pela alma devota e inspirada do seu povo, as glórias d'Aquela que é bendita entre as mulheres, a piedosa, a doce Rainha do Céu e da Terra, que nos acompanha com

(Continua na pág. 4).



### DEPOIMENTOS

Damos hoje mais dois notáveis depoimentos sobre o valor de «FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO».

Subscrevem-nos dois ilustres componentes do Episcopado Português — Suas Excelências Reverendíssimas os Bispos de Nova-Lisboa e de Portalegre.

Ei-los:

Recebi a carta de Vossa Excelência, com data de 6 de Março último e muito penhorado agradeço a oferta do espécime e do Fascículo I da interessante revista Artística e Cultural «FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO».

Já me inscrevi como assinante por intermédio do Sr. Diamantino Maria, nesta cidade de Nova Lisboa.

Também mandei às Missões uma recomendação especial no sentido de tornarem conhecida esta Obra verdadeiramente monumental.

Peço a Deus que abençoe os trabalhos de Vossa Excelência e dos seus colaboradores.

† Daniel, Bispo de Nova Lisboa

\*

Encarrega-me Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Bispo de Portalegre de transmitir os Seus agradecimentos pela revista «FÁTIMA-ALTAR DO MUNDO», e de testemunhar o Seu grande apreço por publicação tão útil, valorizada pela mais distinta colaboração.

P.<sup>e</sup> Elias Lopes

# À expansão da nossa Obra *Fátima - Altar do Mundo* no Portugal Continental

*Damos aqui a transcrição das palavras que nos enviaram alguns dos nossos presados assinantes, sobre o valor e o apreço em que têm a nossa Obra.*

\*

Da Ex.<sup>ma</sup> Senhora

D. Angela de Amaral Espinha:

Por me ter ausentado algum tempo para Lisboa, a acompanhar um sobrinho, que esteve hospitalizado 4 meses, a fim de ser operado, só hoje me é possível vir satisfazer os fascículos em atraso da Obra «*Fátima Altar do Mundo*» cujo pagamento estava liquidado até aos fascículo n.º XXI, conforme o recibo n.º 107929 que possuo.

Como já tenho em meu poder os fascículos n.ºs XXII, XXIII, XXIV e XXV, aqui junto uma nota do Banco de Portugal na importância de 100\$00 para pagamento desses 4 fascículos, e mais 20\$00 escudos, para os próximos fascículos a sair, pedindo desde já muita desculpa por esta imperdoável demora. †

Que o êxito desta admirável Obra seja cada vez maior e a sua grande expansão possa atingir as cinco partes do globo, aonde palpito um coração português, são os votos mais ardentes e sinceros que formula a que se subcreve com a mais alta consideração.

\*

Do Ex.<sup>mo</sup> Senhor:

António Freire de Andrade:

Venho agradecer-lhes a remessa do 1.º volume da *Fátima-Altar do Mundo* — e a forma ultra-cuidadosa, como foi feito o encapado dessa notável Obra que, sabe-me bem dizê-lo a V. Ex.<sup>cias</sup>, eu aprecio como Obra preciosíssima, singularíssima.

\*

Do Ex.<sup>mo</sup> Senhor.

António do Nascimento Ramos:

Recebi há dias o primeiro volume de *Fátima-Altar do Mundo*

e fiquei muito satisfeito com a sua encadernação.

Peço desculpa de não ter acusado há mais tempo a sua recepção pois tive de sair demorando-me alguns dias, o que motivou só agora fazê-lo.

\*

*Depois destes sinceros testemunhos de concordância, vamos publicar uma lista — dos últimos — dos **Novos assinantes de Fátima-Altar do Mundo***

José Augusto da Silva Reis  
Rui Bernardino G. de Barros  
Armando Cravo Miguel Pinto  
José Fernandes Mázis da Silva  
Augusto dos Reis Henrique  
Ricardo Ferreira Ruas  
José Carlos Ferreira Gamelas  
Padre Abel Condesso  
Maria Elisa Serra  
Dr. José Alfredo de Freitas  
Guilherme de Lemos  
José dos Santos Moura  
Carlos Matos  
António Dias Mendes  
Câmara Municipal de Anadia  
Alfredo Cerveira Varandas  
Oswaldo Alves da Costa  
Abílio Ferreira da Silva  
Carminda Duarte Sereno  
Manuel Dias Leal  
Maria Seabra  
Clementina Seabra  
José da Silva Quina  
Laurinda Amélia Correia Marques  
Esmeralda Falcão Rodrigues  
Maria de Jesus Cardoso  
Ana Falcão Correia dos Reis  
Teresa Alice de Moura  
Eng. Miguel F. Correia dos Reis  
Vasco Rui Fernandes Certo  
Emília Aurora E. Ataíde  
Eng. António João Nobre Oliveira  
Carlos de Mira Coelho  
Antonina Cabral Pinto Silva  
Maria Teresa Alves Ferreira  
Augusto Vergílio de Sousa  
Maria Helena Pinho d'Oliveira  
Comendador Messias Baptista  
António Augusto Martins Pereira  
Daniel Carvalho Raposo  
Boanerges Cerveira Gomes  
Padre José Maria Domingues  
Manuel Pires da Conceição  
Maria H. R. Magalhães Carvalho  
Joaquim Mendes de Aratijo  
Câmara M. de Vila do Conde  
Câmara Municipal de Valongo  
Padre Rodrigo da Cunha  
Fernanda Olívia Soeiro Neves  
José Cabral de Matos  
José Silvano.

## Obteve no ultramar o mais brilhante êxito

Desde o início da publicação de *Fátima-Altar do Mundo* que as nossas províncias ultramarinas manifestaram o melhor interesse por tão grandiosa iniciativa editorial. Temos tido provas suficientemente expressivas, quer por estímulos que dali recebemos, quer por muitas assinaturas que de lá nos vieram. Verificamos que a Obra suscitara curiosidade e admiração, e parece-nos que os frutos colhidos, sendo desvanecedores, poderiam multiplicar-se se mandássemos às terras do Império alguém que a divulgasse, que decidamente por ela se interessasse, fazendo com que os portugueses que as habitam fiéis às mais lídimas crenças católicas, a conhecessem e lhe conferissem a audiência que na realidade ela merece.

Ponderado o assunto decidimos em boa hora enviar ao Ultramar alguém que fosse capaz de se desempenhar dessa missão — trabalhosa mas gloriosa, pois se trata de homenagem a Virgem do Rosário de Fátima, consagrada na nossa Obra duma maneira inconfundível. A escolha recaiu numa colaboradora inteligente e activa da nossa empresa, de apreciáveis méritos para se encarregar da incumbência que lhe dávamos e na qual púnhamos mais do que uma esperança — uma certeza.

Não nos enganámos. A nossa distinta colaboradora tem sabido honrar o mandato duma forma exemplar.

Em Luanda, o seu trabalho está-se realizando com os mais brilhantes resultados, devendo dizer-se que um triunfo se deve em muito às qualidades singulares que a distinguem, ao seu espírito de iniciativa, à sua capacidade realizadora, enfim às suas virtudes de sugestão e de trabalho. Acolhida carinhosamente por toda a parte, a distinta senhora tem encontrado o melhor auxílio para a sua missão e cujo êxito se está verifi-

cando em ritmo progressivo. Com efeito, graças a esse trabalho formidável, as listas de novos assinantes estão chegando continuamente aos nossos escritórios, provando assim os resultados duma actividade infatigável, daquela nossa ilustre colaboradora.

Desvanece-nos esse triunfo e se daqui dirigimos as nossas saudações à nossa referida colaboradora, não queremos deixar de testemunhar às altas entidades que a têm auxiliado o nosso reconhecimento, pela alta compreensão que demonstraram pelo sentido nacional da nossa Obra, dispensando-lhe o seu melhor interesse e o seu valioso patrocínio.

*Fátima-Altar do Mundo* conquistou o Ultramar — quer dizer, a nossa Obra, em louvor da Mãe de Deus, tem assim o significado duma cruzada espiritual adquirindo por isso uma projecção que mais dignifica o sentimento católico e patriótico dos nossos irmãos de Além-Mar.

Para que se avalie do êxito e da importância da tarefa, damos a seguir alguns dos muitos assinantes que em Luanda começaram a tomar contacto com a nossa Obra deixando, para o próximo número, só porque o espaço nos escasseia, a relação completa.

A Marques Trindade  
A. Santo Pinto & C.<sup>a</sup>  
Adelino Vieira P. Rocha Barros  
Administrador do Concelho de Luanda  
Afonso Pereira Gameiro  
Agostinho Cardoso Sousa  
Alberto Ferreira Freitas Costa  
Alfredo Gonçalves Feijó, 1.º Tenente da Armada  
Alice Leonardos  
Aníbal José Gonçalves  
Aníbal de Oliveira, Advogado  
António Alberto Q. de Barros, Engenheiro  
António Cesário, Tenente da P. S. P.

(Cont. na pág. 3)

Damos hoje algumas transcrições da Imprensa acerca de «Fátima — Altar do Mundo».

Elas são suficientemente expressivas, para que lhe acrescentemos qualquer palavra.

\*

Do «Diário de Notícias»

Os primeiros fascículos desta magnífica publicação permitem já fazer uma ideia do encanto e do valor que a obra oferecerá quando estiver completa. Ao oportuno interesse do assunto — a verdade é que Fátima atrai as atenções do Mundo e o seu prestígio ilumina os espíritos — alia-se a competência e o bom gosto das pessoas que tomaram a iniciativa de tão louvável e feliz empreendimento. Trata-se de uma edição monumental, artisticamente ilustrada com esplêndidas gravuras e à qual deram a sua colaboração ilustres individualidades, como os srs. Cardeal Patriarca e Bispo de Leiria, que firmam as páginas iniciais. A primeira parte desta obra é dedicada ao culto de Nossa Senhora em Portugal, às aparições de Fátima e sua consagração pela igreja; a segunda, às grandes jornadas de Fátima que tiveram lugar de 1919 a 1944, à coroação da Senhora em 1945 e ao encerramento do Ano Santo em 1951; a terceira parte compreende os capítulos consagrados à Imagem peregrina através do Mundo e ao inquérito dirigido às figuras representativas da igreja e aos maiores pensadores católicos; o epílogo tem por título *Padroeira de Portugal, Padroeira do Ocidente*. É, como se vê, um plano grandioso, digno do tema que por maneira tão feliz se destina a desenvolver e que hoje tem uma projecção universal. A direcção literária e artística da obra pertence aos ilustres escritores srs. João Ameal e Luís Reis-Santos.

\*

Do «Diário do Minho»

Temos presente o 1.º fascículo, II volume, desta magnífica publicação, que o público acolheu com verdadeiro entusiasmo.

O cónego Dr. José Galamba

## Como a Imprensa aprecia a nossa Obra

de Oliveira foi escolhido para fazer a história das aparições e ninguém como ele poderia dar-nos a imagem fiel do que foram esses dias e essa hora de resgate.

Fatimista n.º 1, jornalista dos mais treinados para destacar o facto essencial e prender a atenção dos leitores com o que na verdade interessa, Galamba de Oliveira oferece-nos em rápidas pinceladas esse quadro maravilhoso das aparições.

A ilustrar estas páginas cheias de frescura e de beleza, fotografuras das mais belas: a Virgem e o Menino, de frei Lucas Teixeira; N.ª Senhora da Conceição, de Alvaro de Brée; Anunciação de Jorge Barradas; N.ª Senhora das Graças, de Leopoldo de Almeida; Descimento da cruz, de Francisco Vieira; Nossa Senhora do Semeiro, Natividade, de Joaquim Machado de Castro; Fugida para o Egito do mesmo, e Nos-

sa Senhora do Rosário de Fátima, a imagem das Aparições.

Aqui ficam os nossos melhores parabéns para Marques de Abreu, de quem são as gravuras; para a Litografia Nacional; para a Companhia Editora do Minho, que sabe oferecer-nos um trabalho primoroso de baixo do ponto de vista gráfico; e finalmente para os que tornaram possível esta maravilha de arte e de beleza.

\*

Das «Novidades»

Com o fascículo 14, entrou no segundo volume a obra *Fátima, Altar do Mundo*, direcção literária de João Ameal e direcção artística de Luís Reis Santos, com desenhos de Manuel Lapa.

Neste primeiro fascículo do II volume começa o sr. Cónego José Galamba de Oliveira «A História das Aparições» de Nossa Senhora de Fátima.

Diz o ilustre sacerdote:

«Nem Deus, nem a igreja, nem as almas dos fiéis têm nada a lucrar com o falso sobrenatural ou com as piás invenções mais ou menos bem intencionadas. Como o seu Divino Fundador.

A Igreja tem a missão de ser a coluna e o firmamento da Verdade. Esta é a sua grande glória e a força que a alenta ao longo de 20 séculos de existência. Só a Verdade lhe interessa e a ela tudo sacrifica como se a sua missão não fosse outra. Isso afirmou o nosso Divino Salvador, em resposta a Pilatos: «Eu vim para dar testemunho da verdade». É essa ânsia que sempre nos anima e alenta. Sempre, e muito mais agora, ao ter de exarar para a posteridade as mais graves páginas até hoje escritas acerca das aparições da Fátima e com mais elevado grau de responsabilidade».

A obra continua a apresentar maravilhosas gravuras.

## Fátima-Altar do Mundo

(Continuação da página, 2)

António Diniz da Gama, *Func. Serviços de Fazem. e Contabilidade*

António Ferreira Carreto, *Meteorologista*

António Gomes Barbosa

António Pereira Paulino, *Industrial*

António Ribeiro Martins, *Arquitecto das Obras Públicas*

Armando Serra Coelho, *Despachante Oficial*

Artur Pereira Ribeiro, *Gerente Comercial*

Artur Ramos Feio, *Despachante Oficial*

Banco de Angola

Belmiro de Moraes

Benjamim da Costa Valentim, *Comerciante*

Câmara Municipal de Luanda

Carlos Manuel M. Palmeira (*Regal*), *Emp. Banco de Angola*

Carmem Fernandes

Casimiro Afonso Alves

Castilhos, L.<sup>da</sup>

Cecília da Conceição Lopes

Companhia de Seguros de Angola

Direcção dos Serviços de Saúde e Higiene

Dr. Eduardo Baptista

Eduarda Prazeres Costa

Emílio Augusto Pires

Ernesto João

Ernesto Henriques Ferreira Carvalho, *Despachador*

Erzelinda Gomes Gonçalves

Dr. Eurico Ferreira da Costa

Fernando Casimiro de Almeida

Dr. Fernando de Sá e Melo

Fernando Viana Dias, *Agrimensor*

Francisco Marques Júnior, *Solicitador*

Dr. Francisco Moraes Caldas

Eng.º Francisco Santos Lemos

Eng.º Frederico dos Santos

Herculano Lourenço da Silva

Humberto dos Santos

J. J. M.º Gowam

J. M. Cerqueira d'Azevedo

Jerónimo Augusto Soares

João António Serra

João Ferreira Roquett, *Director do Banco de Angola*

João Guilherme Gomes de Oliveira, *Tesoureiro da C. M. de Luanda*

Joaquim Marinho Bastos, *Funcionário do B. de Angola*

Joaquim Pinto da Mota, *Director da Fazenda*

José Alves Ferreira Mateus

Dr. D. José Blanc Portugal, *Chefe Serv. Meteorológicos de Angola*

José Joaquim Marcelo

Dr. José Maria

Dr. Leão Gomes de Pina

Liceu Nacional Salvador Correia

(Continua na pág. 6)

a sua bênção desde os benditos e heróicos alvares da nacionalidade.

Partem agora as nossa caravelas, e como diz o Poeta :

*O seu rumo era a luz, o seu piloto era Deus.* Ia dilatar-se o império, mas a finalidade era também dilatar a fé.

Quando o Mestre de Avis comunicou a Nun'Álvares o seu projecto de expedição a Ceuta, o Condestabre respondeu : — o que a mim me parece é que este feito não foi achado por vós, nem por nenhuma outra pessoa deste mundo : sòmente que foi revelado por Deus. (Azurara, Chron. 566, 21, citado por Oliveira Martins em «Os Filhos de D. João I.<sup>o</sup>»)

O Mestre de Avis em África arma seus filhos cavaleiros. Portugal triunfante sagrou a mesquita de Ceuta, entoando um *Te Deum* solene, atroando, no fim, os ares o coro uníssono de duzentas trombetas.

Afonso V e o príncipe real D. João foram também a África e de lá voltaram vitoriosos.

O culto de Nossa Senhora ficou estabelecido em terra de mouros, irradiando da Europa para o continente africano. Foram os portugueses que o levaram lá. Sempre a mensagem cristã de Portugal, a sua vocação missionária.

Maria, a Estrela do mar, recebia sempre piedosa home-

## A dilatação da Fé

(Continuação da página, 1)

nagem nas novas terras descobertas.

Descoberta a primeira ilha do arquipélago açoriano, o seu descobridor Velho Cabral pôs-lhe o nome de Santa Maria, por a ter achado a 15 de Agosto, dia da Assunção de Nossa Senhora.

Vasco da Gama na sua gloriosa viagem, quando à volta de Calicute, ao serviço do império e da fé, descobriu a ilha de Angediva, pôs aos ilheus, que então também descobriu, o nome de Santa Maria, deixando por memória ali colocado um padrão.

João Homem, capitão de uma caravela pertencente à armada do vice-rei D. Francisco d'Almeida, descobriu antes de chegar ao Cabo de Boa Esperança, três ilhas, e a uma delas denominou de Santa Maria da Graça.

Os nossos navegadores levaram o nome da Santíssima Mãe de Deus às mais remotas paragens, em exacta correspondência à nossa vocação histórica.

Alberto Pimentel, no seu excelente livro, que merecia bem uma segunda edição, «História do culto de Nossa Senhora em

Portugal», refere : «Na história trágico-marítima, que detidamente trata dos naufrágios nos séculos XV e XVI, que depois dos *Lusíadas* é o livro que mais engrandece a coragem navegadora dos portugueses, a cada página se encontra um monumento de fé cristã levantado sobre o mar, na voz e alma dos nautas, em honra da Mãe de Deus».

O culto de Nossa Senhora levámo-lo também à Ásia, e lançando a semente das nossas crenças à terra do Oriente, sobretudo a devoção pela Mãe de Deus, deixámos profundas raízes de fé cristã, que ainda hoje florescem e frutificam. Sempre a acção missionária de Portugal, em louvor de Maria, cuja imagem honra o arco dos vice-reis. Entre estes, a figura colossal e eterna de D. Afonso de Albuquerque, genial precursor da obra de colonização no sentido moderno da palavra, e que *via, via*, entre nuvens de fogo o glorioso S. Jorge combatendo a seu lado. A sublime vocação histórica da bendita terra de Santa Maria.

Portugal foi destinado pela Providência para ser o missionário quase universal que le-

vasse a Cruz e o Evangelho, ou seja, a civilização, a toda a terra.

E não há histórias que digam, nem livros que devidamente narrem os trabalhos, os sofrimentos, o sangue derramado pelos portugueses, a fim de dilatarem a fé em todos os continentes, para na lusitaníssima expressão «fazer cristandades».

Quando desde a atalaia atlântica do cabo de Sagres o Infante descobriu o porvir do conhecimento de África, seus marinheiros viam as recônditas terras descobertas com estandartes de dupla face : as armas nacionais de um lado, e o sinal da Cruz do outro.

A Índia fabulosa e as ilhas das especiarias, aprenderam a doutrina de Cristo de lábios lusitanos.

Na velha Goa, a igreja e o convento de Nossa Senhora do Carmo, eram de uma grandeza e magnificência superiores. Também ali havia, em Dangim, a igreja da Madre de Deus, onde os vice-reis e governadores da Índia costumavam ir rezar todos os sábados à tarde.

Do Congo ao Brasil o ardor apostólico de Portugal não conheceu tréguas nem repouso. Sem a larga passada do Jesuíta o Brasil não seria o que hoje é, afirma um grande historiador brasileiro. Nóbrega e Anchieta

(Continua na pág. 5)

## AMIGOS DA NOSSA OBRA



Litografia  
Nacional  
Porto

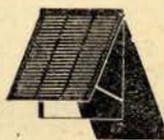
IMPRESSOS EM TODOS OS GÉNEROS.



Cruz, Sousa & Barbosa, Lda.

PAPEIS NACIONAIS  
E ESTRANGEIROS

R. de Sto. António, 165—PORTO



SOLCRIS

...É UM ESTORE

RUA JOSÉ FALCÃO, 61

TELEF.: 25150, 25151, 60112

TELEG. SOLCRIS — PORTO

LIVRARIA

TAVARES MARTINS

UMA CASA QUE PODERÁ  
NÃO TER TODOS OS LIVROS  
MAS QUE TEM SEMPRE  
OS MELHORES LIVROS.

Rua dos Clérigos, 12

Telef. 23459

PORTO

têm na história do Brasil assinalado lugar.

Devotos de Maria apostolizaram o seu culto, e em S. Salvador edificaram um templo a Nossa Senhora da Ajuda, o primeiro que a Companhia teve no Brasil.

Esses nomes de epopeia que são Moçambique, Angola, Goa, Ceilão, Molucas, Macau estão indissolavelmente ligados aos missionários.

Entre os nossos missionários de todos os tempos brilha com luz sobrenatural e que perdura S. Francisco Xavier, que apostolizou o Oriente, ao serviço de Deus e de Portugal.

Com ele e os que se lhe seguiram até hoje na dilatação da fé, pode afirmar-se o sentido humano da nossa colonização; que o segredo de Portugal reside no seu extraordinário poder espiritual.

Depois de Cristo — escreve Gilberto Freire — ninguém contribuiu tanto como os portugueses para desenvolver o amor fraternal entre os homens.

Existe uma epopeia missionária portuguesa, de tão extraordinário alcance, que, sem a sua acção, o Império português se não haveria fundado, ou não teria subsistido.

O apostolado de S. João de Brito no Maduré é uma sublime página de epopeia; alma insaciável de almas, cujo zelo apos-

## A dilatação da Fé

(Continuação da página, 4)

tólico prolongou até, banhado no próprio sangue, cair agonizante e glorioso nos braços do Senhor.

D. António Barroso foi modelo de missionários, espelho de Prelados, exemplo e estímulo de portugueses.

Hoje como ontem aos nossos missionários está ligado o futuro do nosso Ultramar; como a este anda associada a vida, a grandeza, o progresso de Portugal.

Em África intensifica-se a vida missionária; e com inexcedível zelo apostólico cumprem a mensagem apostólica de Portugal, Beneditinos, Franciscanos, Jesuitas, Capuchinhos, Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, Lazaristas, Monfortinos, Padres do Espírito Santo, Padres de Nossa Senhora da Consolação, Padres do Coração de Maria, Salesianos, a Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, a União Missionária do Clero, e o Clero diocesano.

Ninguém sabe conquistar a alma do indígena como o missionário; é ele que o fixa à terra, que lhe comunica o amor da Pátria, que o educa, e não sabe educar senão quem sabe amar.

Celebremos a acção dos nossos missionários, que melhor os não há. Para eles a nossa mais sentida homenagem de respeito, de admiração, de reconhecimento e afecto.

A nossa vocação histórica, o nosso espírito missionário, a nossa devoção a Maria! Alcobça, Batalha, Vila Viçosa são marcos milinários de nossa história — A seu amor por esta terra que é sua, devemos a desigualável honra da sua visita. Maria vem a Portugal. Desceu na Cova da Iria. Falou a pastores — Lúcia, Francisco e Jacinta, a angelical pastorinha, que o P.<sup>o</sup> Galamba d'Oliveira apresenta à nossa veneração e afecto num livro encantador. (Maria veio fazer-nos continuar, de forma especial, a nossa vocação missionária).

Veio confiar-nos uma mensagem de salvação para transmitir a todos os povos. De novo missionamos o mundo, de novo apostolizamos, levamos a toda a parte a imagem, a devoção à nossa Padroeira, à Rainha do Céu e da terra, Nossa Senhora do Rosário de Fátima. É a continuação da nossa história, em cujas páginas imortais, Nossa Senhora da Vitória esteve sem-

pre presente, com a sua bênção de omnipotência suplicante.

E nunca esqueçamos que a nossa Pátria nunca foi infeliz senão quando infiel à sua vocação.

Fátima é o tabor eterno da Pátria; o altar onde hoje reza o mundo inteiro. Como que vivemos outra hora universal da nossa História.

O nome de Portugal percorre de novo a terra, junto ao dulcíssimo nome de Maria; é a mensagem da Virgem Imaculada transmitida à humanidade, através de Portugal; é a continuação da nossa missão como nação — viver a verdade do Evangelho para ter a glória de a espalhar pelo mundo.

Deste piedoso e patriótico labor tomou a sua parte esta excelente publicação, quase no seu termo, que assumindo um carácter essencialmente espiritual, e reunindo na cruzada por Fátima alguns dos grandes espíritos do nosso escol, afervora uma devoção que nos deve ser particularmente grata.

Qual o português que ignora que as aparições da Cova da Iria estão na aurora do nosso ressurgimento nacional?

Estou convencido de que tudo o que, como esta magnífica publicação, de tão artística apresentação e de grande elevação intelectual, concorre para

(Continua na pag. 6)

## amigos da nossa obra



SICAL

O melhor café

P. de D. Filipa de Lencastre, 29  
PORTO



Imagens em Pedra e em Madeira

Aceitam-se encomendas para Portugal e estrangeiro

Manuel S. Nogueira - Escultor

Santa Cruz do Bispo - Matosinhos - Portugal



Prático - Rápido - Económico

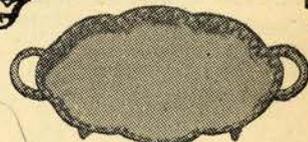
FÁBRICA DE PRODUTOS ESTRELA, L.<sup>da</sup>

PORTO - 1180-A

Fundada em 1906 - Praça do Espinho - 11-21

1940-1941

SALVAS E  
TABULEIROS  
«RENASCIMENTO»



Nova concepção artística de Prata do 1.<sup>o</sup> título realizada pela MARCA

TOPAZIO

PROCURE NAS OURIVESARIAS

# Caminhada

Quando a viagem é longa, o seu termo é sempre uma incerteza. É possível que estas palavras expliquem algumas dúvidas junto ao prosseguimento da Obra em que estamos empenhados—*Fátima-Altar do Mundo*; pela parte que nos diz respeito, nunca afirmámos categoricamente, que chegaríamos até ao fim.

Pensamos assim porque somos fervorosamente crentes na humildade da devoção, aos pés de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Poderíamos não merecer a graça de legar à espiritualidade portuguesa e ao mundo católico uma obra da grandeza daquela e a glória de não por-mos na sua publicação qualquer ideia de ordem material. E se não fora este espírito de missão, que nos impõe pesados sacrifícios, talvez que a Obra se houvesse já interrompido.

Se a ajuda de Deus não viesse em nosso auxílio é possível que a dúvida a que já aludimos chegasse realmente a concretizar-se, tão gigantesca é a tarefa de manter, no seu plano literário e artístico, e no apoio financeiro, que exige, uma publicação que não desmerece da sua índole e se tem conservado à altura de si própria.

Aparecendo regularmente, sem atrasos dignos de reparos, a Obra segue o seu curso normal, sem que nos possa impressionar, nem a nós nem aos nossos milhares de leitores, aquilo que erradamente alguns teimam em considerar uma Obra interminável.

Inicialmente traçou-se um plano, dizendo-se com a maior boa fé que a Obra se compõe de 3 volumes com cerca de 36 fascículos. Dada a categoria dos colaboradores literários, cujo trabalho é realizado sem qualquer interesse material, os fascículos a cargo de cada autor não podem, como é óbvio, ser medidos a compasso. Trata-

-se duma Obra que pela sua própria natureza espiritual transcende em importância e valor positivo, cuja raiz histórica sobreleva pelo acontecimento real e sobrenatural que põe em relevo, e cuja envergadura religiosa e intelectual não deve nem pode sacrificar-se à economia, neste caso autêntica mutilação, de menos 3 ou 4 fascículos.

O volume 2.º, que felizmente para nós todos, já se concluiu, teve de comportar 17 fascículos, fechando justamente com a colaboração, a todos os títulos eminente, de S. Ex.ª Reverendíssima o sr. D. Manuel Trindade Salgueiro. Quer dizer, o volume fechou com chave de ouro, dada a alta categoria cultural e intelectual de tão insigne Prelado.

Com idêntica orientação e a mesma pontualidade, iniciou-se a publicação dos fascículos do último volume — o 3.º intitulado *A Imagem Peregrina*.

Tal como nos anteriores, mantemos a mais viva esperança de que este último volume, complemento natural e imprescindível da Obra, também chegará ao fim, e que os seus

fascículos aparecerão com a mais possível regularidade.

Embora cada volume constitua de per si um todo distinto, diferenciado, a verdade porém é que a Obra tem uma homogeneidade e uma sequência que lhe dão uma luminosa uniformidade, representando portanto, nas suas três partes, a mais alta e a mais expressiva homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

Assim, a publicação completa de tão belo trabalho nunca será demasiadamente enca-recido, não sendo exagerado afirmar-se que ele constituirá, nas múltiplas e belas expressões, um tesouro precioso digno de ser admirado no seu valor intrínseco, pois tem o significado inequívoco da mais admirável e pura consagração à Virgem do Rosário — que apareceu aos pastorinhos na Cova da Iria.

É assim, indubitavelmente, que os verdadeiros católicos encaram a nossa Obra, a avaliar pelos espontâneos testemunhos de solidariedade e de louvor que nos têm sido dados pelos nossos milhares de assinantes.

## A dilatação da Fé

(Continuação da pág. 5)

fazer conhecer e amar Fátima, é fazer conhecer e amar melhor a Virgem e a Nação que Ela carinhosamente embalou no seu berço.

Fazê-la divulgar no nosso Ultramar, levar às populações indígenas a devoção a Fátima, é não só apostolado religioso, como serviço nacional.

O favor da Virgem, pisando o solo da Nação, é engrandecimento para esta, e corresponde a uma exaltação do amor pátrio. Celebrá-lo é concorrer para que o Ultramar se aproxime cada vez mais da Metrópole, firmando indestrutivelmente a unidade nacional.

Em volta da Fátima unem-se, sem distinção, irmanados no mesmo sentimento, que vem do fundo dos séculos, todos os portugueses seja qual fôr a sua cor, a sua raça, a terra em que habite, por mais longínqua que seja.

Fazer cristandade é fazer amar Jesus e sua Mãe, e o amor desta melhor o fazemos sentir, mostrando aos que missionamos, que a nossa Mãe tanto nos ama, que veio à nossa terra, e que a sua mensagem foi confiada a portugueses e na língua portuguesa.

## Fátima - Altar do Mundo

(Continuação da pág. 3)

- Liga dos Combatentes da G. Guerra  
 Eng.º Luís Dourado Oliveira Martins  
 Eng.º Luís Filipe Frederico Colação  
 Dr. Luís Gonzaga da Fonseca  
 Dr. Manuel Gusmão Mascarenhas  
 Manuel Joaquim Ramiro, L.<sup>da</sup>  
 Manuel de Sousa Teixeira Sampaio, Engenheiro  
 Mário Diogo da Silva, Empreg. Bancário  
 Mário Morgado Azevedo  
 Martins & Marcelo, L.<sup>da</sup>  
 Museu de Angola  
 Onofre Ferreira, Gerente Commercial  
 Pedro Pombal, Empreg. Bancário  
 Quintas & Irmão  
 Eng.º Raimundo Serrão  
 Rogério Armando Correia Azevedo  
 Dr. Ruy de Lima Pereira Mello  
 Sebastião Artur Ribeiro Galvão  
 Serviço Meteorológico de Angola  
 Sílvio Guimarães  
 Sindicato N. Emp. Com. e Ind. de Angola  
 Sociedade Angolana Figueiredos  
 Sociedade Colonial de Tabacos, L.<sup>da</sup>  
 Sociedade Indust. de Tabacos de Angola  
 Walter Fernando Pereira Inácio  
 Álvaro de Moraes e Castro  
 Associação dos Naturais de Angola  
 António Lourenço  
 António Vaz Faria  
 Companhia Agrícola Santos Diniz  
 Henrique de Carvalho Ferreira  
 J. Soares Zilhão (Lisboa)  
 Joaquim Faria (Lisboa)  
 José Nunes da Silva  
 Maria Luisa Viegas Vaz  
 Maria Olinda Magalhães  
 Milton José da Silva  
 Dr. Pedro Judice Biker  
 Dr. Ruy de Pádua  
 Tomaz da Cunha Rodrigues  
 Cancela, Oficial da Armada  
 Virgílio de Carvalho, Procurador Fiscal  
 Missão de S. Paulo  
 A. Lucas Martins  
 Bernardino Correia Rijo

# Albergue Distrital do Porto

(Continuação da pág. 8)

encontram. Esta modalidade de assistência é praticada com o mais rigoroso cuidado, havendo sempre inquéritos prévios, para se avaliar das necessidades das pessoas a quem esses auxílios possam beneficiar.

E vem a propósito salientar que a ampliação, o desenvolvimento, o efectivo progresso do Albergue Distrital se deve em muito à realização das Feiras Populares, que se celebram anualmente no Palácio de Cristal, e cujo produto tem permitido alargar a obra até ao ponto em que ela se encontra; o pavilhão para doentes-infecciosos, a que já aludimos, foi construído com as receitas totais que as Feiras têm proporcionado ao Governo Civil.

Se a iniciativa do certame festivo do Palácio se deve ao antigo Chefe do Distrito engenheiro sr. Costa Lima, e neste aspecto o Porto não pode esquecer tão prestimosa personalidade, encontrou no actual Governador Civil, o sr. Dr. Domingos Braga da Cruz, o melhor devotamento, um entusiasmo activo e carinhoso, um espírito de verdadeiro apostolado.

O sr. Dr. Braga da Cruz

cujos sentimentos de generosidade e de benfazer são excepcionais, e que na prática da

simpatia. Sem o seu concurso, a obra não atingiria a importância que na realidade tem. A cidade que respeita e admira o sr. Governador Civil, sabe fazer-lhe justiça, tributando-lhe a mais alta e merecida admira-

boração com uma empresa da especialidade, um interessante filme sobre a obra da mesma instituição. É um documentário magnífico, com todos os aspectos exteriores e interiores da vida do Albergue, em imagens



Nova camarata do Pavilhão inaugurado em 1953

caridade nunca esmoreceu nem abrandou, é na verdade uma alma de eleição, e os problemas assistenciais, e neste caso o que diz respeito ao Albergue, merecem-lhe a mais franca e decisiva

ção. E o dr. Braga da Cruz, bem o merece, pelo muito que tem trabalhado em prol da pobreza.

A Comissão Administrativa do Albergue realizou, em cola-

edificantes valorizadas por legendas expressivas. A passagem desse filme, num dos cinemas do Porto, em sessão especial, produziu impressão.

Como demonstração da actividade realizada pelo Albergue, ele é completo, e permite, a quem desconhece a obra, avaliá-la na sua importância social.

Pode dizer-se que os realizadores do filme, inspirando-se na realidade, souberam captar todos os aspectos fundamentais da vida da instituição, nos seus pormenores gerais e particulares, não faltando sequer as imagens que mostram os internados, em vários lances do seu viver quotidiano, revelando nas fisionomias e serenidade e a segurança, e até mesmo o sorriso dos que, sem recursos e sem forças, se sentem porém agasalhados, por saberem que têm quem cuida deles — dispensando-lhes as atenções de que carecem e a caridade que a sua situação de inválidos.

Bendita obra a do Albergue Distrital do Porto, e benditos os que para ele contribuem.

Deus a todos recompensará.



Crianças sorrindo confiantes sob a acção tutelar da Polícia

# Albergue Distrital do Porto

## Uma Obra de Amor e Caridade

São tradicionais os sentimentos caritativos dos portuenses. Eles afirmam-se, exuberantemente, numa série de instituições de caridade, todos eles de carácter assistencial, embora alguns juntem a essa modalidade uma feição predominantemente educativa.

Entre essas instituições, e tantas elas são, vamos dedicar hoje algumas palavras ao Albergue Distrital de Mendicidade, cujas características especiais a distinguem como a mais activa e a mais enternecedora obra de protecção à pobreza desamparada. Com efeito, é sob os seus tectos que se abrigam algumas centenas de indivíduos, de ambos os sexos, que por invalidez ou por velhice, ficaram privados de ganhar a vida, e que encontram ali agasalho e pão, cuidados médicos e tudo o mais, sem terem que recorrer à esmola, de porta em porta.

Esta obra tem mais de 20 anos. Inicialmente chamava-se a Casa dos Pobres, e começou com um primeiro pavilhão, construído na actual rua do Carvalhido, em terrenos onde funcionara uma piscina. Depois, com o andar do tempo, com o patrocínio do Governo Civil, que dele teve a iniciativa, com o carinho e o auxílio da população, estruturou-se em bases sólidas, alargando as suas instalações pela edificação de novos pavilhões, e finalmente ampliando-se de tal forma, que houve necessidade de arranjar um segundo edifício, numa quinta da Ponte de Pedra, funcionando portanto em dois lugares diferentes sob a mesma organização e prudente administração.

Hoje chama-se «Albergue Distrital do Porto», legenda simpática pelos notáveis serviços que presta em benefícios efectivos e em protecção à pobreza.

Se considerarmos que o Porto é uma cidade onde o problema da miséria é mais vivo

e mais agudo, é que nos aperceberemos das vantagens e da importância de tal obra. Hoje, o Albergue Distrital tem dentro das suas portas cerca de 500 pessoas. Cuidar desta gente, alimentá-la, vesti-la, velar pelo seu estado de saúde, não é tarefa fácil. Mas a Comissão Administrativa que está à frente deste magnífico instituto, constituída pelos srs. Comandante da Polícia, tenente-coronel Santos Júnior, e drs. Arménio Salgado, António Pinto Barbosa e Álvaro de Magalhães, está atenta e vigilante, desenvolvendo um esforço activo e permanente para que tudo decorra normalmente, para que a vida do Albergue não sofra quebras nem perturbações funcionais. É curioso registar que a prestimosa, a esclarecida, e zelosa acção exercida pela Comissão, através o seu Delegado permanente, o tenente sr. Francisco Rangel, conseguiu que o dispêndio diário por internado não vá além de 10\$00. É, com efeito, um milagre de economia — e ninguém por certo seria capaz de fazer mais. Nas instalações do Albergue inclui-se recentemente um Pavilhão para doentes infecciosos, dotado com 96 camas.

Perguntar-se-á, naturalmente, de que meios dispõe esta obra, para a sua manutenção. Já se acentuou que parte desses meios, possivelmente o maior, lhe é fornecida pela caridade da gente do Porto. Há milhares e milhares de habitantes da cidade que contribuem mensalmente com determinada importância para os pobres. Além deste auxílio, outras receitas eventuais se juntam, para prover às necessidades do Albergue, onde se encontram recolhidos, não apenas indivíduos do Porto, mas outros de terras diferentes, que, todavia, aqui

se fixaram há anos, e que perderam todo o contacto com as localidades de origem. Esses, evidentemente, não podiam ser relegados ao abandono — e por isso se lhes dá a conveniente e piedosa existência, que a triste condição deles de sobra justifica.

Os benefícios deste simpá-

tico instituto, orgulho de caridade dos portuenses, alarga-se porém a outras formas de auxílio. Na verdade, há pobres, famílias numerosas, que recebem dos seus cofres subsídios pecuniários, mensais, para aliviarem a precária e deplorável situação de miséria em que se

(Cont. na pág. 7)

## Rainha de Fátima



*Entro no seu Santuário  
acompanhada com a minha crença.  
Com os meus olhos beijo o seu rosário.  
Dele fico suspensa.*

*No último degrau do seu altar  
em que, benignamente, me analisa,  
ajoelhada, peço ao seu olhar  
a luz que o meu precisa.*

*Por milagre, de súbito, um clarão  
banha-me a fronte, cinge-me a cabeça.  
Com os meus olhos beijo a sua mão.  
Sou madrugada antes que amanheça.*

*Como nuvem que passa ou se desfaz,  
numa evasão de culpas dolorosas  
sinto que estou em paz  
sob um pálio de rosas.*

*Salvé Rainha!  
Senhora das alturas!*

*Rainha a cujos pés outras rainhas  
são apenas mesquinhas criaturas.*

Inédito

AMÉLIA VILAR